

APONTAMENTO

# Na floresta da Manhiça Unidades móveis avançam com firmeza

Texto de Filipe Ribas ● Fotos de Américo Milço (Notícias)



Penetrar por esta mata foi a nossa primeira experiência com as unidades móveis

Em baixo: A vasculha em que participámos, com o batalhão móvel era feita mesmo no interior da floresta. Nada de caminhar pela estrada



No distrito da Manhiça, em toda a extensão da floresta, a Oeste da Estrada Nacional n.º 1 cobrindo uma área até às proximidades da Moamba, jovens soldados das FAM dão o melhor de si para rechaçar os bandidos armados, que aterrorizam as populações que aí vivem. Unidades móveis de batalhões mistos das nossas Forças encontram-se constantemente a atravessar a floresta, por vezes densa, sempre na senda do inimigo em fuga permanente. Nas longas caminhadas em que acompanhei estes jovens, mais do que antes, supunha, notei uma dedicação fora do vulgar e uma vontade inquebrantável de bater-se com esse inimigo cobarde.

A consciência de que o inimigo foge constantemente, evitando, a todo o custo, enfrentar as nossas forças, ao que se juntam os crimes e a barbárie que os bandidos vão semeando por todos os lados por onde passam, faz com que os jovens soldados, mais do que nós, meros observadores, sintam um ódio redobrado pelos perturbadores da paz no nosso país.

Quando fui colocado perante a prontidão combativa destes jovens, dificilmente pude acreditar tratar-se de homens que se juntaram pelo simples acaso de uma

incorporação. O espírito de camaradagem, de profunda amizade que pude ver entre eles, o orgulho e o elevado sentido de hierarquia não encontrei de forma tão acentuada nas unidades estacionadas na Manhiça como vi no batalhão móvel.

Nas unidades móveis encontramos os próprios oficiais em missões, muitas vezes, cheias de riscos, mas que acham que não podem ser entregues a um simples soldado. Em plena floresta, na noite do dia 3 de Janeiro, encontramos, um alferes, só, que esta-

va a percorrer uma distância de cerca de 12 quilómetros, a fim de transmitir uma mensagem urgente numa outra posição, ao mesmo tempo que aproveitava reconhecer a zona. Os seus colegas tratam-no apenas por «alferes» e tem sido muito citado por façanhas deste género. Dizem os colegas que ele tornou-se bazooqueiro, na exacta intenção de andar mais à vontade pela mata fora.

Os exemplos vimo-los também de Capitães, Tenentes e Aspirantes que, colocados perante a necessidade de atravessar uma certa zona, considerada perigosa, a fim de cumprir uma missão qualquer, hesitavam em fazê-lo. Em algumas dessas missões, um ou dois desses oficiais não mostravam receio em passar a noite sós, emboscados no meio da floresta, desde que tal facto lhes permitisse realizar a sua tarefa. São estes aspectos da entrega ao trabalho que fazem com que a floresta de que ora falo constitua local pouco seguro para os bandidos aí permanecerem.

Ali, na floresta, onde o objectivo e a certeza única é vencer, grandes e pequenas privações passam, pura e simplesmente, despercebidas.



«A minha família é o batalhão», soldado Bomben

O celebrado Nguenha, bazooqueiro de larga experiência



## PENTE FINO NA MATA

Numa das vasculhas em que participei, que começou logo pela manhã e que terminou cerca das vinte e uma horas, fiquei, de verdade, impressionado pela forma como toda a força que ia na operação não deu sinais, nem de cansaço, nem de fome. Aliás, quando o Capitão que comandava as forças perguntou aos soldados se desejavam parar para um curto repouso e consumir a ração de combate, em uníssono, os homens responderam que a marcha deveria continuar.

Não foi por mero acaso que o bandido Armando Nhabanga, que tive a ocasião de apresentar aos leitores, na última edição, recebeu a missão de reconhecer as proximidades de Incoloane, onde os bandoleiros pretendiam instalar um novo acampamento, uma vez que lhes está a faltar sossego na floresta. A acção dos bandidos armados na floresta encontra-se,

efectivamente, comprometida, pelas constantes investidas que as unidades móveis têm levado a efeito.

A coragem destes soldados, a recusa em permanecer estacionados mais do que o tempo suficiente para obter informações sobre a movimentação dos bandidos armados, fez-me concluir que, se houvera sido confiada a eles a tarefa de patrulhar as zonas de estrada consideradas perigosas, muitas catástrofes teriam sido evitadas. Foi este batalhão móvel que conseguiu varrer a floresta em Vundiça, uma zona que, em tempos, foi ninho dos bandidos. Foram eles que destruíram uma importante base inimiga nas proximidades de Matalane, onde abateram numerosos bandidos, incluindo o chefe.

A sua tradição é marchar em desdobramento e nunca em coluna, a fim de abranger uma área maior e passar a pente fino todos os prováveis esconderijos dos bandidos. Todas as suas marchas

são feitas em absoluto silêncio, como verdadeiros caçadores, que são, ao contrário de outros que tive a ocasião de acompanhar, marchando ao som de apitos e assobios.

Em cada posição onde se encontra instalada temporariamente uma companhia deste batalhão, lá estará um grupo de bandidos armados capturados, um grupo de informadores e de colaboradores. Durante a minha permanência no meio destes homens, vi sete bandidos capturados por eles e mais de dez informadores e colaboradores que aguardavam transferência para a Vila da Manhiça.

### VETERANOS DA FLORESTA

Todos estes jovens já têm mais de dois anos de Serviço Militar Obrigatório, com todo esse tempo passado no interior da floresta, desde Manica, Inhambane, Gaza, até Maputo. Há-de ser, com certeza, a sua longa experiência de guerra que os faz intrépidos e como uma espécie de homens que não aceitariam, de momento, qualquer das profissões que a vida civil possa oferecer. «Vou sair da

floresta só porque acabaram-se os dois anos do Serviço Militar Obrigatório? Vou deixar o inimigo que tanto quero matar continuar aqui só porque já cumpri os meus dois anos de tropa. Se for desmobilizado deixando as coisas tal com estão, será uma espécie de derrota para mim» — assim nos falou o Alferes Tomás Silvano Mangue, que está na FAM desde 1977.

Trago, para aqui, algumas conversas que tive com alguns dos soldados do batalhão móvel, diálogos que registei com certo agrado. Januário Bulasse Bomben, jovem natural de Mueda, província de Cabo Delgado, foi incorporado em princípios de 1981 e, desde essa altura até hoje, a sua vida decorre na floresta. Hoje, atirador de morteiro, o soldado Januário, com quem falámos na já citada operação de vasculha, mal consegue saber o que poderia fazer se, de um momento para o outro, se visse desmobilizado. A sua família, hoje, são os camaradas da secção, do pelotão, da companhia e do batalhão.

Na qualidade de soldado de um batalhão móvel, quisemos saber qual a façanha de que traz recor-

dações mais frescas e que tenha tido lugar na sua zona de movimento. «A batalha mais difícil que enfrentei teve lugar na Moamba, onde fomos emboscados por um grupo numeroso de bandidos armados. Como se tratasse de uma mata cerrada, não tive possibilidades de pôr o meu morteiro em acção. Não foi possível responder ao fogo do inimigo com a minha arma. Mais tarde, vi-me obrigado a pegar na minha AKM e começar a atirar sobre os bandidos armados. Quando falo em batalha mais difícil não quero dizer que perdemos, muitos camaradas, mas o problema é que não teve sentido o caso de não ter podido abrir fogo com o morteiro, que poderia ter morto muitos bandidos. E, depois, não tem sentido um soldado estar parado à espera que os outros lutem, isso parece dar uma pequena vantagem ao atacante».

Nas outras batalhas, constantes nas andanças pela floresta, o nosso interlocutor esclareceu que as condições de terreno foram sempre favoráveis ao uso da sua arma. Graças a esse facto diz-nos que conseguiu ver muitos bandidos tombarem ante o fogo da sua arma.



Este grupo de informadores, foi apanhado pelo batalhão móvel e esperava seguir para a vila

O Alferes Tomás Silvano Mangue, de que acima fizemos referência, é natural de Maputo e foi incorporado em 1977. Há, portanto, oito anos que se encontra nas fileiras do nosso exército a defender a pátria. «Tenho uma trajetória comprida. Em 1977, fui formado como instrutor de tática e armamento. Depois do curso, fui incumbido de acompanhar um batalhão para Manica. Durante dois anos, operei em Manica e Sofala.

«Recordo-me de uma vez, quando íamos a caminho de Espungabera a fim de assaltar uma base dos bandidos armados, em que fomos emboscados. Num primeiro

assalto, tivemos de recuar, porque estávamos a perder alguns camaradas e os bandidos tinham-se emboscado num aterro difícil. Na investida que fizemos, logo a seguir, os bandidos recuaram e foram tomar posições na sua base. Dias depois, conseguimos destruir a base dos bandidos armados, que tanto trabalho nos deu, e fizemos muitas baixas ao inimigo. Acabámos por acampar nessa base e reorganizar a vida das populações. Para mim, como militar, acho que os meus melhores tempos foram esses em que tinha vários recontros com o inimigo» — acrescentou o Alferes.

«Aqui, na província do Maputo,

tenho encontrado as mais variadas situações, quer da actuação dos bandidos armados, quer do comportamento de alguns elementos da população pouco esclarecidos sobre a natureza criminosa dos bandidos armados. Numa destas operações de pente fino, aqui mesmo onde nos encontramos, apanhámos colaboradores dos bandidos armados. Um dia, entrei numa cabana, isolada, onde encontrei uma família e perguntei se tinham visto passar as tropas da Frelimo. Julgando-me um bandido armado, o chefe da família recebeu-me bastante bem e disse que tinha informações importantes a dar. Olha, disse-me ele, os soldados da Frelimo passaram há menos de dez minutos e parecem que foram mortos pelos «nossos», porque ouvi uns tiros e o movimento deles parou, aqui pertinho. O velho adiantou que não havia problemas, porque os soldados da Frelimo passavam a vida a fugir e que, se eu quisesse, poderia per-



O Alferes Tomás Mangue, numa das posições, algures na floresta



Um informador dos bandidos que não teve «coragem» de dizer às nossas forças onde se encontravam os bandidos e que aliciou a família a colaborar com o inimigo. Trata-se de Alfredo Manhica



Num dia calmo tratamos de encaminhar a comida para as posições distantes

noitar ali, porque, no dia seguinte, chegaria um grupo dos «nossos». Os bandidos, portanto. Assim consegui descobrir que havia elementos extremamente perigosos pela forma de colaborarem com o inimigo».

Com este depoimento do Alferes, fiquei a saber que muitos dos colaboradores dos bandidos faziam-no conscientemente e que, com o objectivo de agradar aos chefes dos bandidos armados, chegam a afirmar que as nossas forças estão em fuga.

Valentim Fernando Nguenha, natural do distrito da Manhiça, na localidade de Calanga, é um jovem bazooqueiro incorporado nas FAM em princípios de 1981. Este jovem, com conhecimento profundo da região, de todas as picadas, atalhos e pequenas matas densas,

para além de certos pontos de referência, é dotado de uma coragem e determinação extraordinárias. Os seus superiores hierárquicos citavam-no, frequentemente, em termos bastante elogiosos.

Um dos feitos mais citados, em que este jovem denotou muita perícia no manejo da sua arma, foi no assalto a uma importante base dos bandidos em Machiche, próximo da Manhiça. Ele próprio fala do assunto nos seguintes termos: «foi uma batalha que durou quinze minutos, que foram minutos de fogo intenso. No assalto, conseguimos abater o comandante dos bandidos. Fui o primeiro a lançar uma bazooka, que atingiu em cheio uma construção onde se encontravam muitos bandidos reunidos» — disse-nos o jovem Nguenha. Em Xi-

cochane, num assalto a um acampamento bem fortificado dos bandidos, este jovem é citado pelos seus superiores como tendo actuado de uma forma digna.

São, enfim, jovens como este com quem falámos e tivemos a ocasião de ver rodeados de admiração pelos seus próprios camaradas e superiores que, neste momento, lutam sem tréguas contra o bandido armado, que tenta ocupar a floresta. Pode-se dizer, seguramente, que as unidades móveis desenvolvem um trabalho bastante positivo e não poderá ser a eles que exigiremos as contas sobre os acontecimentos trágicos que, continuamente, preenchem a vida da Estrada Nacional n.º 1.

□